



ESPECIAL

INVESTIR NA MADEIRA

POSSIBILIDADES NAS ILHAS

Diversificar uma economia demasiado dependente no turismo e muito concentrada no Funchal implica aproveitar ao máximo as oportunidades de uma conjuntura marcada pela pandemia. Apoios do Governo Regional da Madeira e verbas do Plano de Recuperação e Resiliência juntam-se aos argumentos para atrair mais investidores.

ENTREVISTA

Rui Barreto Secretário regional da Economia

“É o momento de perceber que muito vai nascer após a pandemia”

Reforço no apoio às exportações, importações e frete de mercadorias, bem como atração de empresas tecnológicas são apostas do Governo Regional. ● II



CNIM

Benefícios para trabalhadores podem ajudar a Zona Franca ● IV

SOLUÇÕES

‘Bazuca europeia’ é ferramenta crucial para investimento ● VI

FÓRUM

Quais são as principais vantagens da Madeira para os investidores? ● VII

OPINIÃO

Alavancas para o futuro

LEONARDO RALHA
Subdiretor

Se descobrir, impulsionar e promover vantagens competitivas está hoje para a economia de países e regiões como a descoberta de petróleo e ouro esteve em tempos não muito distantes, que melhor altura para lançar uma ofensiva de reposicionamento do que na 'ressaca' do impacto da crise social e económica provocada pela pandemia de Covid-19?

Como o secretário regional da Economia explica na entrevista que publicamos neste "Investir na Madeira", a região necessita de ser menos dependente do turismo, mesmo que o estatuto de "pérola do Atlântico" possa ser aproveitado noutras atividades económicas.

Se a qualidade de vida já serve para atrair 'nómadas digitais', capazes de trabalhar tão bem na Madeira como noutra qualquer parte do mundo dotada de infraestruturas de telecomunicações eficientes, outros fatores diferenciadores devem ser aproveitados e impulsionados para garantir um desenvolvimento que resulte no aumento da riqueza e em empregos mais qualificados para os seus habitantes.

Deve pedir-se aos decisores políticos que criem as melhores condições para que novos negócios floresçam na região autónoma, através da criação de apoios, da manutenção do Centro Internacional de Negócios da Madeira - cuja sobrevivência foi posta em causa nos últimos tempos por Bruxelas e Lisboa - ou até na criação de um sistema fiscal regional alicerçado na baixa tributação que deu excelentes resultados noutras extremidades do espaço europeu.

Mas aquilo que a Madeira mais necessita é de investimento privado, em quantidade e em qualidade, construindo alavancas para um futuro melhor e mais diversificado, que pode perfeitamente coexistir com o regresso em massa dos turistas no mundo pós-Covid-19. ●

ENTREVISTA RUI BARRETO secretário regional da Economia

“É o momento de perceber que muito vai nascer após a pandemia”

Reforço no apoio às exportações, importações e frete de mercadorias, bem como atração de empresas tecnológicas são apostas do Governo Regional.

LEONARDO RALHA
E RUBEN PIRES

lralha@jornaleconomico.pt

A pandemia obrigou governos nacionais e regionais a acudirem a economias atingidas pelo impacto das medidas de resposta à crise sanitária, incluindo o encerramento total ou parcial de sectores de atividade. A Madeira não foi exceção, mas aos poucos começam a surgir sinais de retoma, embora o caminho para o crescimento económico seja atribulado. Além da aposta nas empresas tecnológicas, o secretário regional da Economia, Rui Barreto, anuncia nesta entrevista o aumento do apoio à exportação e importação, de 2,5 para 10 milhões de euros, e realça a importância da estabilidade na hora de atrair investidores.

É utópico ou realista pensar que a economia madeirense irá sair da pandemia muito menos dependente do turismo?

A diversificação do tecido económico regional constitui um desafio transversal às regiões insulares e ultraperiféricas. Partindo de uma situação de vulnerabilidade acrescida em função de constrangimentos como a distância, o isolamento, a pequena dimensão de mercado e das suas empresas, a Região Autónoma da Madeira (RAM) tem sofrido de forma desproporcionada os efeitos da crise pandémica. Por isso, o desenvolvimento e a sustentabilidade da economia madeirense tem como desafio latente criar condições para que novas atividades geradoras de rendimento afirmem os seus modelos de negócio em torno de oportunidades económicas. Neste sentido, o esforço de promoção do investimento empresarial deverá ser prosseguido pelo Governo Regional, reforçando o apoio a atividades produtoras de bens e serviços transacionáveis, bem como através de uma maior aposta em projetos empresariais orientados para o investimento em inovação, investigação, criatividade, internacionaliza-

ção e formação de competências, criando condições para que, gradualmente, nos tornemos menos dependentes do sector do turismo.

Qual é o principal argumento que utilizaria para convencer alguém a investir na Madeira?

São várias as vantagens para quem pretende investir na Madeira. A qualidade de vida que a nossa ilha proporciona, a segurança que oferece e a estabilidade política, são fatores diferenciadores. A Madeira tem condições tecnológicas, ambientais e de segurança favoráveis ao desenvolvimento de ecossistemas de negócio em diversas áreas. A par disso, a RAM conjuga as características de uma economia que procura, cada vez mais, a diversificação com os benefícios da Zona Franca da Madeira ou Centro Internacional de Negócios da Madeira (CINM), que é, no meu entender, o melhor argumento que a Madeira tem para captar investimento direto estrangeiro.

Que medidas tomou a Secretaria da Economia para atrair investimento para a RAM?

A Secretaria Regional de Economia tem como principal missão apoiar as empresas regionais, criando um ambiente propício ao

investimento e ao crescimento da atividade empresarial, mas também do empreendedorismo e da atração de investimento externo. Obviamente que, com o surgimento da pandemia, o Governo Regional preocupou-se em canalizar apoios para as despesas de funcionamento e para os custos fixos não cobertos pelas receitas. Face a um contexto tão adverso, o Governo foi obrigado a tomar um conjunto de medidas urgentes relativas à resposta sanitária à pandemia, ao apoio de curto prazo às empresas mais afetadas pela crise e à manutenção do emprego. Tal obrigou à mobilização de recursos financeiros muito expressivos, apenas possíveis de obter à custa de um aumento do endividamento, com as consequências daí resultantes. Em 2020, injetámos mais de 160 milhões de euros na economia. As linhas de apoio à tesouraria e manutenção dos postos de trabalho (Investe RAM e Apoiar-Madeira) e o SI Funcionamento - que apoia os custos fixos das empresas - têm sido instrumentos muito importantes no contexto da crise económica provocada pela pandemia. Contudo, estamos cientes de que os empresários, mesmo os pequenos empresários, querem trabalhar, investir e criar riqueza. Neste âmbito, a par de outras medidas, quero destacar o plano estratégico desenvolvido pelo Conselho Consultivo de Economia, com vista a um melhor aproveitamento dos fundos do próximo quadro comunitário de apoio e que inclui, entre outras iniciativas, o programa Investe Rápido, que permitirá desburocratizar os processos de investimento e que elevará o montante disponibilizado a fundo perdido para novos investimentos até um máximo de 75%.

A Invest Madeira é uma estrutura virada para a captação de investimento externo e para a internacionalização das empresas madeirenses. Que desenvolvimentos têm existido nessas áreas?

A atividade da Invest Madeira continua altamente condicionada pela situação pandémica, uma vez que grande parte dos eventos presenciais programados foram cancelados ou reagendados. Em 2021, no âmbito das suas áreas de atuação, e dentro das condicionantes da situação de pandemia, a Invest Madeira continua a manter contactos de proximidade com congéneres nacionais e internacionais, bem como com câmaras de comércio e associações comerciais e industriais, privilegiando a ligação afetiva à comunidade madeirense na diáspora. Numa fase pós-pandemia, é nossa intenção adotar uma estratégia mais agressiva nos mercados externos, rentabilizando o corredor diplomático para levar as empresas regionais a conhecerem outros mercados e a explorarem novos negócios.

Para a internacionalização, sobretudo quando se trata de um território ultraperiférico, o financiamento é uma área fulcral. Que medidas podem ser tomadas para ajudar as empresas da região nessa área? Já dispõem de um conjunto de ins-



A Madeira tem condições tecnológicas, ambientais e de segurança favoráveis ao desenvolvimento de ecossistemas de negócio em diversas áreas



Gregório Cunha/Lusa

trumentos de apoio à exportação e à internacionalização. Existem fundos estruturais para esse efeito. Em 2021, o Governo Regional continuará a incentivar a internacionalização da economia da RAM e, para isso, subirá o apoio à exportação e importação dos atuais 2,5 milhões de euros para 10 milhões de euros, subindo também o limite por empresa, dos atuais 200 mil euros para 300 mil euros. Queremos também ir mais além no próximo Quadro Comunitário de Apoio, apoiando o frete das mercadorias da Madeira para o continente e, se possível, até ao destino, para que as empresas regionais possam chegar a outros mercados nas mesmas circunstâncias que as outras, aumentando a sua capacidade produtiva, aumentando o volume de negócios e protegendo emprego à retaguarda.

A Startup Madeira está na tutela da Secretaria Regional da Economia. Que importância é que as startups assumem na economia regional e que medidas têm sido tomadas para ajudar as startups a atingir sucesso?

A Madeira tem um conjunto de empresas tecnológicas de primeira linha. Esta é uma área em que queremos continuar a apostar, por ser uma área de negócio sem limitações impostas pela nossa geografia. Apostar no empreendedorismo e na capacidade criativa dos jovens e das empresas madeirenses, em articulação com instituições como a Universidade da Madeira - em áreas nas quais a insularidade não constitui uma ameaça, mas sim uma oportunidade estruturante para o desenvolvimento e diversificação da economia da região - é uma prioridade para a Secretaria da Economia. É também o momento de olharmos para a formação, que deve ser contínua, e perceber que muito vai nascer após a pandemia. Hoje, a transição digital, a inovação e as novas tecnologias, a possibilidade de atrair recursos e pessoas para, por exemplo, poderem viver nesta ilha e a partir daqui poderem desenvolver a sua atividade profissional em diversas geografias, como já acontece com os trabalhadores remotos, deve constituir um desafio. A pandemia não pode esmorecer a capacidade de realizar e de intervir.

O apelo à fixação de nómadas digitais pode ajudar a trazer projetos de investimento inovadores para a Madeira?

Sim, sem dúvida. A Madeira é, atualmente, considerada um dos melhores locais no mundo para trabalhar remotamente, fruto do projeto 'Digital Nomads Madeira Islands', que a colocou no mapa dos nómadas digitais. O objetivo do Governo Regional é criar uma estratégia integrada de atração do mercado de nómadas digitais. O mundo está a mudar e a RAM apresenta condições ideais para atrair estes profissionais, durante um período alargado, o que poderá elevar o consumo nos negócios locais, colmatando a redução de turistas provocada pela pandemia. Viver numa pequena comunidade, com qualidade de vida, que muitas vezes as grandes cidades não oferecem, é um dos fatores de maior atratividade. São pessoas que vão viver e trabalhar na RAM e, eles próprios, serão embaixadores da Madeira no mundo. Esta é uma excelente promoção do destino Madeira, da qualidade de vida, das suas gentes e da sua cultura. É ainda esperado um impacto nos vá-

rios sectores, mas sobretudo nos do alojamento e restauração.

A falta de estabilidade é uma crítica recorrente em Portugal na hora de atrair investimento. O que tem feito o Governo Regional, e em particular a Secretaria da Economia, para garantir um quadro de estabilidade a quem planeie investir?

Estamos a trabalhar no sentido de garantir, sobretudo, a estabilidade fiscal, desenvolvendo os procedimentos necessários à fundamentação da criação de um Sistema Fiscal Regional próprio e credível, abrangendo todo o território insular com um regime de baixa tributação, que salvaguarde a estabilidade e previsibilidade das regras relativas aos impostos e inculcando a necessária confiança nas pessoas e empresas, visando uma maior competitividade fiscal na RAM.

A Madeira corre a velocidades diferentes na costa sul e na costa norte quando chega a hora de criar uma empresa. Que medidas têm sido tomadas, ou podem ser

tomadas, para esbater essas diferenças?

É um facto que 95% das empresas estão situadas a sul. Para reduzir as assimetrias é fundamental introduzir mecanismos de diferenciação positiva, nomeadamente através da majoração dos incentivos a investimentos nos concelhos do norte, como já acontece com o Programa INICIE+ que apoia investimentos até 50 mil euros. Sempre que for possível vamos majorar os apoios às empresas que estão fora do Funchal para quebrar a macrocefalia da capital.

A Zona Franca é um instrumento-chave de atração de investimento. Feitas as clarificações do Estatuto dos Benefícios Fiscais pela Assembleia da República acredita estarem reunidas condições para que venha a alcançar outro patamar de competitividade?

Acredito, sobretudo, que a RAM e a República devem trabalhar em conjunto, porque grande parte da legislação e dos instrumentos referentes ao CINM são nacionais e europeus. Sozinha, a RAM não tem poderes suficientes para garantir a estabilidade. A clarificação do Estatuto dos Benefícios Fiscais é, ou pode vir a ser, um passo muito relevante, mas o fundamental é estabilizar o CINM. A economia e os negócios vivem de estabilidade e previsibilidade. É o que atrai investidores e é também disso que o CINM necessita e não são só as clarificações supracitadas que as garantem. Um grande apoio nacional ao CINM, na ação e no discurso, é também fundamental.

Além da Covid-19 e das dúvidas quanto ao destino do CINM, também houve a saída do Reino Unido da União Europeia. O Brexit é uma ameaça aos laços económicos existentes entre a Madeira e o Reino Unido?

O Brexit pode ser uma ameaça, mas também uma oportunidade. Como é evidente, um Reino Unido capaz de gerir a sua política fiscal, embora balizada pelo Acordo de Comércio e Cooperação estabelecido com a União Europeia (UE), pode ser uma ameaça para a capacidade europeia de atração de investimento, incluindo-se aqui a Madeira. Naquilo que se refere às trocas comerciais, embora o Reino Unido tenha deixado de pertencer ao mercado único europeu e à união aduaneira e tenha deixado de existir a livre circulação de pessoas e de bens, existem regras claras que normalizam as trocas comerciais e a circulação de pessoas e de bens. Naquilo que concerne às oportunidades, exemplifico com o MAR (Registo Internacional de Navios). Sendo Londres a capital do *shipping* na Europa, a saída do Reino Unido da União Europeia abre caminho à deslocalização de empresas e de navios para a jurisdição da UE. Tendo a Madeira um registo de enorme qualidade, podemos aproveitar essa deslocalização. Este é só um dos exemplos. ●

CINM

Benefícios para trabalhadores podem ajudar a Zona Franca

Ideia é sugerida pelo gerente da Dixcart Portugal, Carlos Perdigão Santos, para quem ver o CINM somente como polo de atração de empresas é limitador. E o CEO da Connecting Software, Thomas Berndorfer, destaca a retenção de talentos na região.

RUBEN PIRES

rpires@jornaleconomico.pt

O Centro Internacional de Negócios da Madeira (CINM), ou Zona Franca, é uma das várias ferramentas de investimento disponíveis na região. Este tem sido um mecanismo utilizado pelas empresas para internacionalizar os seus investimentos e encontra na região mão de obra qualificada. A diversificação económica e a utilização da praça financeira como uma plataforma que crie incentivos fiscais também para os trabalhadores são algumas das sugestões adiantadas por empresários que escolheram a região autónoma como o local ideal para desenvolverem os seus negócios.

O CEO da Connecting Software, Thomas Berndorfer, dirigente da tecnológica instalada no Centro Internacional de Negócios (CINM), considera que este é “um dos melhores incentivos para levar empresas” da Europa Continental a lugares distantes como a Madeira. E revela, em declarações ao Jornal Económico, esperança no futuro do CINM, reforçando que espera que “o conceito se mantenha”, o que considera ser importante para a Connecting Software: “Fizemos um investimento significativo no nosso escritório da Madeira”.

Para o responsável da empresa tecnológica, a combinação de pessoas, natureza e benefícios económicos torna a Região Autónoma da Madeira “interessante”, acrescentando que os decisores políticos “deviam focar-se em escrever uma nova página na história em que haja algo importante na Madeira além do Turismo e da Agricultura”.

Já o gerente da Dixcart Portugal, Carlos Perdigão Santos, defende ao Jornal Económico que o CINM deve ser encarado como uma plataforma de atração de empresas e de pessoas, de modo a gerar mais competitividade na região.

“O futuro do CINM está nas nossas mãos. Se o quinto regime for negociado de forma correta ficamos com um polo de atração de investimento estrangeiro interessante. Acho que é possível tornar a região competitiva com outro tipo de requisitos, até financeiros, para que as empresas cá se mantenham,

ou até requisitos temporais. Por exemplo, uma empresa que venha para a Madeira tem que ficar cá, manter os seus investimentos, por exemplo por cinco anos, tal como aconteceu no caso da Autoeuropa”, explica o responsável pela empresa que presta assessoria fiscal e legal a famílias e empresas.

Modelo híbrido que beneficie empresas e trabalhadores

O gerente da Dixcart Portugal considera que o modelo da Zona Franca da Madeira é bastante flexível. E, nesse sentido, Carlos Perdigão Santos defende um regime híbrido que utilize incentivos para a atração também de pessoas.

“É preciso oferecer as condições para que as pessoas venham para cá. Por exemplo a iniciativa dos nómadas digitais é muito interessante. Porque não oferecer uma coisa desse género? Que o incentivo não seja propriamente à empresa, mas sim aos trabalhadores. Por exemplo pegar no regime dos residentes não habituais, perceber onde estão as fraquezas, e tornar essas fraquezas numa vantagem para a Madeira”, defende o responsável da Dixcart Portugal.

Carlos Perdigão Santos defende que a Zona Franca da Madeira terá de ser um pilar à volta do qual tudo gravita. “Hoje em dia não há planeamento fiscal mundial que não tenha as pessoas como base. Tem de ter qualquer coisa para os trabalhadores, para eles se localizarem numa região, e trabalhar nessa região, para que valha a pena ter lá uma empresa. Precisamos de conseguir aqui na Zona Franca dar benefícios fiscais aos sócios, aos tra-

Incentivo fiscal não tem sido único motivo para trazer empresas para a Zona Franca. Connecting Software tem reforçado recursos humanos enquanto que Dixcart procura colmatar falta de mão-de-obra nas suas áreas de negócio

balhadores e aos gerentes que vierem cá para a Madeira, durante um período de tempo, para ficarem cá, instalem a empresa, recrutarem localmente, gastarem dinheiro localmente na economia, e se interessarem por outros aspetos da nossa economia regional, e investirem. Se conseguirmos 20 ou 30 dessas pessoas isso vai fazer um efeito do qual não temos paralelo. Não temos investidores regionais com essa dinâmica”, reforça.

“Porque não pensar numa oferta mais integrada? Se for só para a empresa isso é muito limitador. É preciso pensar fora da caixa”, propõe o responsável da Dixcart Portugal. Carlos Perdigão Santos explica que se existir uma oferta em termos de IRC e IRS, integrada na Zona Franca, a praça financeira madeirense tornar-se-ia “mais competitiva e teria uma oferta diferenciada, pois outros países não oferecem isto”.

Vantagens da Zona Franca vão além do incentivo fiscal

A principal vantagem de ter a empresa instalada no CINM foi numa fase inicial o benefício financeiro, explica o CEO da Connecting Software, “mas depois começámos a contratar cada vez mais pessoas e agora estamos a fazer da Madeira a localização principal da empresa”.

Thomas Berndorfer reforça que esta é uma história de sucesso que demonstra que a Zona Franca funciona. “Tivemos o incentivo para vir e agora estamos a investir na Madeira, pelo que é um bom negócio para ambas as partes. Sem o CINM eu nunca teria vindo montar um escritório da empresa na Madeira. Em 2021 espero que cheguemos aos 30 membros na equipa a trabalhar na Madeira, na sua maioria madeirenses que teriam ido embora da região autónoma, uma vez que não há empregos suficientes na área das tecnologias de informação”, afirma.

Por seu lado, Carlos Perdigão Santos, gerente da Dixcart Portugal, realça que o benefício fiscal do CINM não foi propriamente o que trouxe a empresa para a Zona Franca. “Vimos porque encontramos na Madeira falta de mão de obra especializada, nestas áreas da contabilidade e do apoio legal, e quisemos colmatar essa falha de mercado”, justifica. ●



APOIOS

“Democratizar” acesso a fundos comunitários é uma prioridade

Instituto de Desenvolvimento Empresarial da Madeira que combater a ideia de que os apoios à atividade são só para algumas empresas.

BIANCA MARQUES

bmarques@jornaleconomico.pt

O apoio às empresas é importante, mas em tempos de pandemia essa importância é redobrada. O Instituto de Desenvolvimento Empresarial da Região Autónoma da Madeira (RAM) é uma entidade pública que defende que as crises devem ser aproveitadas da melhor forma e se dedica à gestão integrada dos instrumentos de apoio ao tecido empresarial, ajudando a recuperar negócios que atravessem uma conjuntura negativa.

“Qualquer crise deve ser aproveitada. Devemos sempre aprender e há sempre oportunidades”, garante ao Jornal Económico Duarte Freitas, CEO do Instituto de Desenvolvimento Empresarial da RAM.

A crise pandémica “castiga aquele que é o sector-estrela da economia madeirense, que é o turismo”, diz. “Temos uma oferta que está dimensionada para ter em média mais 30 mil pessoas a consumir na Madeira. São essas pessoas que, não estando, fazem falta”, acrescenta Duarte Freitas.

Na ausência de turistas, aquilo que o Instituto de Desenvolvimento Empresarial da RAM tem procurado fazer com a disponibilização de apoios é “mitigar o contacto negativo da pandemia, sabendo que não há nenhum apoio que substitua a atividade”.

Mas sendo certo que os apoios não substituem a normal atividade das empresas, a principal preocupação neste momento é a de assegurar que as empresas consigam ter um “desenvolvimento harmonioso”.

PODER LOCAL

Câmaras tentam impulsionar economia fora do Funchal

Incentivos concedidos pelas autarquias procuram combater as assimetrias entre as costas sul e norte da ilha da Madeira.

O município do Funchal é o mais mencionado quando se fala na atividade económica madeirense, mas no que toca a impulsionar empresas outras áreas da região destacam-se nesta matéria, procurando lutar contra aquilo que o secretário regional da Economia, Rui Barreto, reconhece ser a “macrocefalia” da principal cidade da região autónoma e o desequilíbrio entre as costas norte e sul da Madeira.

Em Santana foi disponibilizado um programa de apoio às empresas e empresários em nome individual, incluindo os agricultores coletados. “Este apoio teve a sua primeira aplicação em maio de 2020, chegando a um universo de 318 entidades, num valor global de 436 mil euros”, explica ao Jornal Económico o presidente da Câmara de Santana, Márcio Dinarte Fernandes acrescentando que a autarquia “foi a primeira câmara do país a implementar” este sistema.

A autarquia foi igualmente pioneira na “recente aprovação de benefícios fiscais para investimentos no Parque Empresarial de Santana, com isenção total no imposto municipal sobre transmissões onerosas de imóveis (IMT) aquando da aquisição de um lote e na isenção do pagamento do imposto municipal sobre imóveis (IMI) até cinco anos na realização de um investimento neste mesmo parque”, acrescenta o autarca.

A norte da ilha, no Porto Moniz, a autarquia “promoveu, como apoio indireto às empresas, a implementação do programa Porto Moniz Revitaliza + Voucher Card”, afirma o secretário da vereação Márcio Correia. “Esta iniciativa da autarquia teve por objetivo premiar com entradas gratuitas em infraestruturas municipais os clientes que comprovassem o consumo em estabelecimentos comerciais do concelho, programa que vigorou entre os meses de julho e novembro de 2020”.

A cargo da Câmara do Porto Moniz está ainda o projeto Empreende +, desde março de 2020, em instalações disponibilizadas pela autarquia, “por um valor simbólico, de forma a ser criado mais valor económico, mais emprego e dinamismo no concelho”. “O espaço inicialmente previsto esgotou as inscrições disponíveis, sendo que a autarquia teve de procurar alternativas noutros espaços municipais para afetar ao projeto”, recorda Márcio Correia.

No que toca a atrair investimento, a Invest Madeira, uma entidade da Secretaria Regional da Economia

com a função promover a diplomacia económica externa da região, tem papel de destaque. “A Invest Madeira aposta na multiplicação, sistematização e reforço de contactos com estrangeiros, visando encontrar novas oportunidades de negócio para produtos e empresas regionais”, diz a diretora da Invest Madeira, Ana Filipa Ferreira.

“A introdução a novos mercados, o fomento do comércio externo e da exportação de produtos regionais” são alguns dos elementos que constituem a atividade corrente da Invest Madeira, sublinha.

A Covid-19 trouxe novos desafios e a Invest Madeira teve de se adaptar. “A pandemia veio alterar radicalmente a forma de atuar da Invest Madeira, quer no que concerne à participação em eventos, quer no estabelecimento de contactos. A Invest Madeira centrou a sua ação na promoção da participação das empresas regionais em eventos online de formato digital, metodologia que foi também adotada no relacionamento com entidades externas, nacionais ou estrangeiras”, explica Ana Filipa Ferreira. Para aumentar o investimento na região, a diretora da Invest Madeira acredita ser preciso uma “melhor articulação com as entidades nacionais na planificação e concretização de ações de promoção e um maior número de voos diretos com as principais cidades europeias”. ● *BM*

ONDE MEXE MAIS O INVESTIMENTO NA MADEIRA?

O objetivo do Instituto de Desenvolvimento Empresarial da Região Autónoma da Madeira (IAM) é ajudar as empresas e essa entidade procura fazê-lo de forma igual. No entanto, existem autarquias madeirenses mais desenvolvidas do que outras, até pelo número de habitantes que têm. Nas palavras de Duarte Freitas, CEO na Instituto de Desenvolvimento Empresarial da IAM, “Funchal, Santa Cruz, Câmara de Lobos e Machico são efetivamente os concelhos onde há maior dinâmica, há mais população, há mais parques empresariais, há mais empresas e há mais atividade”. Duarte Freitas admite que o objetivo pretendido pelo Instituto de Desenvolvimento Empresarial da IAM passa por alcançar um “desenvolvimento harmonioso” pela região, mas não esconde que o investimento depende da demografia das autarquias. Um indicador que prima pelo desequilíbrio.

Centro Internacional de Negócios da Madeira: Uma porta aberta para os investidores portugueses



ROY GARIBALDI
Administrador
Executivo da SDM

A crise sócio-económica decorrente da pandemia tem feito soar os alarmes em todo o mundo e em particular nas regiões economicamente dependentes de um mono-produto como o turismo, certamente a indústria mais afectada a nível mundial.

Em Portugal, o Centro Internacional de Negócios da Madeira (CINM) apresenta-se como um instrumento de

atração de investimento directo externo e, simultaneamente, um mecanismo capaz de ajudar os investidores portugueses no desenvolvimento dos projectos de internacionalização das suas empresas. Criado nos anos 80, foi dotado com um regime de incentivos fiscais e de condições competitivas para através da sua internacionalização defender a economia dos riscos resultantes de uma situação de mono-produto. Nunca, como agora, foi tão clara a relevância da sua criação.

A recente publicação da Lei 21/2021 que prorroga o Regime IV do CINM e que permite o licenciamento de novas empresas, em linha com as recomendações emanadas de Bruxelas, designadamente ao nível da criação de postos de trabalho, veio conferir ao CINM a clarificação necessária para reforçar a sua promoção nos mercados internacionais e contribuir para a recuperação que a economia nacional exige.

Para que se perceba efectivamente as valias que o CINM pode acrescentar à economia nacional e regional, note-se o conjunto de resultados que tem gerado ao longo dos anos, entre os quais se destacam, no plano quantitativo, o contributo para o PIB da Madeira, a criação de milhares de postos de trabalho, directos e indirectos, as receitas fiscais oriundas das empresas e dos trabalhadores do CINM e, no plano qualitativo, a atração e desenvolvimento de actividades sofisticadas e inovadoras bem como uma interação positiva da CINM com outros sectores da actividade económica nacional e regional.

Um estudo recente do Banco de Portugal revelou que as empresas com sede no CINM representavam 7% das empresas com sede na Região, sendo responsáveis por 10% das pessoas ao serviço e por 33% do volume de negócios. Mais, 82% do volume de exportações das empresas com sede na RAM estava associado a empresas sediadas no CINM, as quais eram igualmente responsáveis por 88% da componente importada de compras de bens e de compras de Fornecimentos e Serviços Externos (FSE).

Nos últimos anos, o mercado português foi responsável por cerca de 30% das empresas a operar no âmbito do CINM, com destaque para as empresas exportadoras de bens e serviços, actividades tecnológicas e de comércio electrónico. A existência de uma taxa reduzida de IRC de 5%, garantida até ao fim do ano 2027, em conjunto com outros importantes benefícios ao nível dos dividendos distribuídos, do IMI, do IMT e do imposto de selo, entre outros, fazem do CINM uma porta aberta para a optimização e internacionalização das empresas nacionais, contribuindo, simultaneamente, para a diversificação da economia da Região Autónoma da Madeira.

Com o apoio

SDM

Sociedade
de Desenvolvimento
da Madeira

Programas com candidaturas até junho e julho

Quanto aos apoios disponibilizados ao sector empresarial, Duarte Freitas exemplifica com a construção de pavilhões que ficam “ao serviço de empresas que precisam de espaços novos”, sendo esta apenas uma das medidas que incentivam a atividade empresarial na região.

“Neste momento em termos de apoios ao investimento temos em curso dois avisos cumpridos de candidatura até junho e até julho. Estou a falar concretamente do Valorizar 2020 e do Pro Ciência”, explica. O programa ProCiência destina-se essencialmente a apoiar a produção de conhecimento científico e investigação. Por sua vez, o programa Valorizar 2020 tem como propósito promover a qualificação das estratégias empresariais e desenvolver ações vocacionadas para a melhoria da capacidade competitiva das empresas regionais.

“A nossa intenção é, na prática, democratizar mais o acesso aos fundos comunitários e desfazer alguma ideia de que isto é só para alguns. Queremos chegar a empresas de qualquer latitude, qualquer concelho e qualquer dimensão de negócio”, assegura Duarte Freitas. Para aceder aos apoios “não há nenhuma obrigação de procurar algum especialista, pois as candidaturas podem ser feitas diretamente pelas empresas candidatas”, diz. ●



KAI PFAFFENBACH/Reuters

SOLUÇÕES

‘Bazuca europeia’ é ferramenta crucial para investimento

Associações e empresários pedem nova visão estratégica para dinamizar, diversificar e modernizar a economia madeirense. Mas também não esquecem os sectores de atividade tradicionais.

RUBEN PIRES

rpires@jornaleconomico.pt

Uma boa utilização das verbas da ‘bazuca europeia’, a existência de fundos para a descarbonização energética e a aposta em sectores como o comércio são algumas das sugestões avançadas por associações empresariais e empresários que permitiriam à Madeira elevar a sua competitividade económica.

A Câmara do Comércio e Indústria da Madeira/Associação Comercial e Industrial do Funchal (ACIF) considera que a Região Autónoma da Madeira (RAM) necessita de uma “nova visão estratégica” assente no fortalecimento das empresas, através de “apoios à tesouraria, capitalização das empresas, modernização tecnológica e utilizando as melhores técnicas e as melhores práticas internacionais, para evitar uma nova crise económica e financeira”.

Para a ACIF, a nova visão estrat-

tégica tem de ser acelerada devido aos efeitos da pandemia, que levaram a que a RAM perdesse 26% de riqueza, com um impacto de 1,4 mil milhões de euros e o aumento acentuado da dívida regional.

O presidente da ACIF, Jorge Veiga França, considera que o turismo, face à importância que tem na economia regional, precisa de medidas específicas que visem “a sua recuperação e transformação”.

A ACIF defende ainda apoios diretos e indiretos às empresas, através de programas de apoio à capitalização, investimento, qualificação e investigação & desenvolvimento; investimento em projetos com forte impacto no sector turístico, incluindo a melhoria do produto turístico, acessibilidade e mobilidade no território; investimento na melhoria das condições de operacionalidade do Aeroporto da Madeira, na melhoria da infraestrutura aeroportuária do Porto Santo e da interligação logística entre os aeroportos da Madeira e

Apoios para capitalização e modernização tecnológica, tal como a baixa de impostos, encontram-se entre as medidas sugeridas para incentivar investimento na região autónoma

Porto Santo, com o investimento num “novo navio, que faça a ligação entre as ilhas de forma mais rápida e de modo mais eficiente”.

Quanto à transição digital, a ACIF entende que deve haver a criação de um fundo de aceleração para empresas 4.0 e centros tecnológicos. Um fundo de investimento para a descarbonização energética das empresas, que possa “financiar projetos de micro-produção de renováveis para autoconsumo e/ou partilha entre comunidades energéticas”, e a aposta na formação e requalificação dos recursos humanos nas áreas da economia digital, cibersegurança, economia verde e economia circular são outras medidas defendidas.

Comércio e restauração são áreas de investimento

A Confederação Portuguesa das Micro, Pequenas e Médias Empresas (CPPME) identifica o comércio local e a restauração como áreas

privilegiadas de investimento. “O Governo anuncia milhões quando faz uma visita a uma grande empresa, mas não vem visitar as pequenas empresas e a pequena restauração para verem as dificuldades que estes microempresários estão a sentir”, sublinha Ricardo Azevedo, dirigente da CPPME Madeira.

Esse responsável diz que a Covid-19 tem deixado marcas nestes sectores. E defende o alargamento do período de funcionamento para o comércio local e restauração. A Madeira está desde janeiro com restrições no horário das atividades económicas e também com recolher obrigatório. Entre segunda e sexta-feira os estabelecimentos são obrigados a fechar às 18h00 e o recolher obrigatório é às 19h00, enquanto no fim-de-semana o horário de fecho dos estabelecimentos é às 17h00 e o recolher obrigatório às 18h00. Ricardo Azevedo diz que o horário de funcionamento deveria ser alargado até às 23h00, mas com restrições no número de pessoas, o que permitiria reduzir ajuntamentos.

O dirigente da CPPME Madeira defende também a baixa de impostos o “mais rápido possível” para a restauração e afins e um fundo de garantia que auxilie as empresas no pagamento das despesas.

Para Roberto Figueira, *partner* da PKF, existem várias áreas cruciais para investir na Madeira, todas em alinhamento com as prioridades do Plano de Recuperação de Resiliência (PRR), incluindo saúde, habitação, investimento e inovação, e qualificação e competência. “São as áreas onde a Madeira deverá fazer derramar grande parte, seja por via da bazuca quer do seu orçamento”, defende.

O *partner* da PKF acredita que o PRR talvez seja a “grande e talvez a única ferramenta” para as próximas gerações, e “uma oportunidade única” para desenvolver o país.

Já Paulo Veiga, CEO da empresa de gestão de arquivos EAD, considera que cabe ao Governo Regional “continuar o programa de estímulos à economia regional, agora reforçado com a percentagem da ‘bazuca’ para a região”. E destaca os quatro milhões de euros que o executivo regional vai receber para apoio à digitalização das empresas, e os 114 milhões de euros para a transição digital.

Paulo Veiga diz que entre as áreas privilegiadas de investimento está o reforço no turismo, sublinhando que gostava também de ver a criação de um *cluster* de inovação e investigação relacionado com a economia do mar. “Trata-se de uma ideia muito pessoal, mas que bem planeada e executada poderia garantir a fixação na região de quadros de empresas altamente qualificados”, reforça.

O CEO da EAD realça que este *cluster* de inovação e investigação exige uma visão resultante da auscultação da sociedade civil, da universidade e dos principais agentes económicos. “Naturalmente que o patrocínio do Governo Regional será o combustível para a corporização da mesma”, diz. ●

FÓRUM

QUE DESAFIOS E OPORTUNIDADES EXISTEM PARA QUEM QUER APOSTAR NA MADEIRA?

Entre empresários, gestores, autarcas e académicos há quem defenda que a Região Autónoma da Madeira tem várias vantagens competitivas e quem acredite que precisa de um plano que dinamize os diferentes sectores da economia. **BIANCA MARQUES**

1 QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS VANTAGENS DA MADEIRA PARA OS INVESTIDORES?

2 O QUE PODE SER MELHORADO PARA ATRAIR MAIS INVESTIMENTOS?



GILBERTO COELHO
Chief Financial Officer
na Dobsware

1. Quando pensamos numa região ultraperiférica, pensamos logo que atrair investimento e sediar as empresas localmente será, regra geral, uma tarefa ingrata. Felizmente, quando olhamos para a nossa Madeira o pensamento muda, com vários instrumentos à disposição, como vários sistemas de incentivos e apoios ao investimento, percebe-se o potencial desta região como um ponto estratégico para sediar as suas empresas. Podendo beneficiar um modelo fiscal atrativo, estar sediadas num local com traços paradisíacos, embora distante geograficamente, mas que oferece uma qualidade de vida fantástica aos seus colaboradores. Feliz ou infelizmente, o mundo mudou após a pandemia, trazendo dificuldades acrescidas às empresas, mas também oportunidades de as mesmas se reinventarem. Os canais digitais passaram a ser a ferramenta standard para a comunicação, sendo que a maior lição que tiramos com esta efeméride é que poderemos tirar partido das mesmas para potenciar os nossos negócios, pois estamos a um "Zoom" ou "Skype" de distância dos principais pólos de investimento, sejam os Estados Unidos, o Reino Unido ou o Qatar.

2. De forma a atrair mais investimento, tendo em conta que nem todos os negócios são iguais, a reflexão terá de passar por quais as indústrias que mais beneficiariam em ter os seus recursos por cá. A nossa experiência diz-nos que, no ramo tecnológico, privilegia-se a qualidade de vida e o ambiente propício ao

desenvolvimento, mais do que a proximidade geográfica com os seus pares. Assim, iniciativas que promovam a qualidade de vida que cá temos para o mercado externo serão uma excelente estratégia. Neste sentido, a ação de fomentar a vinda de Nómadas Digitais, promovida pelo Governo Regional e Startup Madeira, acaba por assentar na perfeição, pois não só oferece àqueles que procuram melhores condições de vida como faz com que o conhecimento que estes trazem possa ser trocado.



LUIZ MACHADO
Professor de Gestão e Economia
da Universidade da Madeira

1. Não vejo grandes vantagens para além da questão da segurança e do Centro Internacional de Negócios porque somos uma ilha e uma ilha tem sempre restrições ao nível do investimento industrial. Temos o problema dos transportes que é o problema comum à maioria das ilhas e portanto a indústria exportadora dificilmente conseguirá vingar. Contudo, estou do lado daqueles que percebem que deve ser reativada a indústria para consumo local. Não creio que existam grandes vantagens da madeira relativamente a outros locais, vejo é desvantagens. Neste momento a madeira não é muito atrativa para o desenvolvimento de negócios que tenham reflexo nas exportações, mesmo nos serviços porque a rentabilidade da madeira, por exemplo em termos de serviços turísticos, é baixa. Basta compararmos o preço médio de quarto em outras regiões no país.

2. Como podemos melhorar a atratividade da madeira? Primeiro, tentar alargar o centro internacional de negócios a outras áreas e se calhar a outro território, por exemplo o Porto Santo. Com isso até poderia vir a sair de uma situação complicada que é estar a perder população, ter sazonalidade. Portanto, se houvesse possibilidade de instalar alguma indústria, ainda que seja pequena, no Porto Santo com benefícios similares aqueles que são oferecidos no Centro Internacional de Negócios, talvez fosse uma forma de atrair população ao Porto Santo, não só manter aquela que lá está, mas também atrair. Eventualmente poderiam incluir dentro da Zona Franca, por exemplo, grupos internacionais que tivessem de

investir em turismo na Madeira: grupos hoteleiros, grandes operadores turísticos e inclusive até companhias de aviação.



DIONÍSIO FILIPE
Responsável pela Keller Williams
na Madeira

1. A ilha da Madeira, conhecida pelo seu clima ameno e "gentes" acolhedoras, constitui um destino que pela sua diversidade atribui valor ao

investimento que aqui seja realizado, ainda mais tendo em conta os benefícios fiscais para residentes não habituais e Vistos Gold. O facto de sermos um local onde ainda se vive em segurança, aliado a uma razoável qualidade de vida, já por si só atrai o olhar do mercado estrangeiro que queira vir usufruir férias ou até aqui residir. Por essa razão, o investimento no mercado imobiliário reveste-se de inúmeras mais valias. Se investir em infraestruturas vocacionadas ao turismo, consegue pelas características naturais da Ilha associar esse investimento a uma panóplia de oportunidades: turismo da saúde, turismo mais vocacionado a quem procura isolamento e contacto com a natureza, turismo de aventura (quer no mar quer na montanha), 'resorts' para eventos, turismo de cidade, abrangendo faixas etárias. Acresce que os preços praticados na Ilha tornam o investimento bastante apetecível pelo potencial de retorno existente.

2. Se quiser se diferenciar do investimento na área do turismo, há a ter em conta que o olhar do mundo dirigiu-se para este paraíso à beira-mar plantado em que o número de casos de Covid-19 foi mínimo e em que as infraestruturas tecnológicas, que felizmente existem na ilha, permitiram trabalhar à distância (nómadas são agora um dos nossos nichos de mercado). Há assim um crescente aumento de pessoas estrangeiras a procurar comprar casa na região. Novas construções, ainda mais vantajosas se associadas à reabilitação urbana (com benefícios fiscais), têm neste momento uma elevada probabilidade de serem absorvidas pelo mercado tanto internacional como regional. A região, a querer acompanhar este olhar do mundo para o investimento a realizar cá, terá de necessariamente refletir sobre as políticas vigentes, nomeadamente através da desburocratização de alguns destes processos.

PUB



30 Anos de experiência na Madeira

- Contabilidade e Apoio Fiscal a sociedades e particulares, nacionais e estrangeiros
- Constituição e Administração de sociedades no CINM
- Registo de navios e iates
- Consultadoria

Contacte-nos

Rua dos Murças, nº 15, 1º andar, Funchal, Madeira, Portugal
T: +351 291 201700 E: info@mmcl.pt www.madeira-management.com



ESPECIAL INVESTIR NA MADEIRA



PEDRO CAMACHO
Fundador e diretor executivo
da Nearsoft Solutions

1. Todo e qualquer investidor pode atualmente olhar para Madeira de uma forma diferente do que o fazia há 10 ou 15 anos. Deixou de ser apenas aliciante o investimento imobiliário, a criação de unidade hoteleiras de todos os tamanhos e todo o tipo de atividades económicas que “gravitam” à volta do turismo. Atualmente um investidor tem, inegavelmente e felizmente, mais áreas onde investir e não apenas o turismo. Não significa que o turismo não será sempre a atividade económica mais forte na região, mas sim que haverá uma maior diversificação em termos de oportunidades de investimento. Estar situado numa ilha com o grau de desenvolvimento que temos na Madeira deixou de ser um obstáculo para a criação de novos modelos de negócio, e como tudo o que são ideias e ações disruptivas são resultado da capacidade dos empreendedores em olhar para as dificuldades de um ângulo diferenciador. Esta capacidade foi notoriamente amplificada como resultado do esforço das entidades regionais nas últimas décadas na capacitação e melhoria do ensino na região, facto este aliado à contínua melhoria da qualidade dos cursos ministrados pela Universidade da Madeira, às iniciativas de fomento ao empreendedorismo de instituições como o Startup Madeira, Invest Madeira, ACIF e o próprio Governo Regional. Não podemos esquecer outro fator de atratividade inegável para o investimento, que é o Centro Internacional de Negócios da Madeira, neste caso de um ponto de vista fiscal.

2. É um facto que a carga fiscal sobre as empresas em Portugal é por vezes asfixiante. Mesmo tendo a Madeira atualmente vários fatores diferenciadores e de atração de investimento, como a qualidade de vida, a qualidade dos recursos humanos e o CINM, a questão fiscal será sempre um dos fatores primordiais na decisão dos investidores antes de efetuarem todo e qualquer investimento na Madeira e em qualquer outra região do globo. Neste sentido, considero que as regiões ultraperiféricas, como é o caso da Madeira, deveriam aumentar a sua autonomia em termos de legislação no que toca às suas políticas fiscais, permitindo ajustar os seus modelos de tributação à realidade das empresas regionais e a atrair mais facilmente investimento estrangeiro e nacional. Considero que uma política mais liberal e menos interventiva do Estado no que toca à carga fiscal sobre as empresas registadas na região permitiria o aumento da atratividade de investimento, mais emprego, mais consumo e certamente maior receita fiscal para os cofres da região.



JOÃO ABEL DE FREITAS
Economista

1. Penso que existem poucas vantagens. Numa situação destas em que tudo está em mudança, o turismo, no qual a Madeira está centrada, não será o mesmo de futuro e não está nada pensado. Portanto, é muito difícil ver quais são os projetos que podem atrair investidores para a região. A Madeira gira muito à volta do turismo, o turismo está em mudança e penso que não há grandes ideias sobre como será o futuro. A pandemia mudou as perspetivas e tem de haver novas respostas para as situações que foram criadas. Quanto às novas linhas de desenvolvimento, no digital existem alguns projetos, mas ainda não estão definidos. A Madeira tem vindo a produzir software, que muitos desconhecem, porque existem empresas com conhecimento e know how e há muito por onde explorar. Quanto à função pública, o que vai haver é um ajustamento do digital e digital não é só informatizar, é pensar na Administração Pública, pensar como é que é a Administração Pública regional tem que se reformatar para servir a economia e a população. Aqui haverá investimento, mas ainda está pouco desenvolvido. No entanto, a Madeira tem um aspeto que pode atrair investimento, e em que vejo alguma vantagem: no mar, na aquacultura, na própria ligação do mar com o turismo, que era uma coisa que ainda não estava bem desenvolvida.

2. A perspetiva para atrair mais investimento tem de partir de uma reflexão de fundo, tem de haver uma estratégia que passe por vários aspetos: como vai ser o novo turismo e como vai decorrer a digitalização. Outra coisa que é fundamental que venha a ser equacionada é a transição cultural em várias áreas. No teatro, na música, pois tudo o que existe na cultura tem de ser pensado, o que pode atrair investimento. Antes, a Madeira tinha uma Escola de Belas Artes, sempre teve escola de música e depois isso foi-se perdendo, estando muito disperso. Acima de tudo, é preciso um plano de fundo. Em termos demográficos a Madeira tem um grande problema: toda a zona norte está a definhar, tal como um pouco da zona oeste. É preciso ver como será o futuro da Madeira daqui a 10 e 15 anos. Por exemplo, o Instituto Nacional de Estatística fez há quatro anos projeções em que a Madeira perde, num cenário pessimista, mais de 50% da sua população. Tudo isto tem de ser pensado e se os investidores estrangeiros verem que isto está a ser pensado vão querer investir, caso contrário ninguém vai querer. Assim é que nascem os projetos, com fundamentação. Ninguém vai arriscar o seu dinheiro para uma coisa que vai ter problemas.



CARLOS TELES
Presidente da Câmara
da Calheta

1. Vou focar a resposta no meu concelho, o da Calheta, apesar de saber que existem situações abrangentes e transversais a toda a região. Desde logo o clima: creio que é uma grande vantagem da Região Autónoma da Madeira e do concelho da Calheta para atrair investimento. No que diz respeito ao concelho da Calheta, o investimento tem aumentado nos últimos anos. Somos o segundo concelho regional com mais registos no alojamento local. A criação de acessibilidades, como a Via Expresso, também fizeram com que o investimento aumentasse. Outra fonte de investimento vai chegar através da construção do campo de golfe na freguesia da ponta do pargo, que vai lucrar bastante. Na Calheta, também temos vindo a baixar os impostos, por exemplo a nossa taxa de IMI (Imposto Municipal de Imóveis), que está na taxa mínima de 0,3%. Além disto, sabemos que conta a forma de receber dos madeirenses, pois gostamos muito de receber quem vem de fora. A Madeira é exemplar nesse aspeto.

2. Seria de apostar na construção de acessibilidades agrícolas. Os caminhos agrícolas para nós são muito importantes porque permitem uma maior acessibilidades aos terrenos agrícolas. Temos uma orografia muito difícil, o que faz com que a mão-de-obra seja cara e a acessibilidades a estes terrenos agrícolas são importantíssimas e fulcrais para o desenvolvimento da própria agricultura. Temos construídos alguns caminhos agrícolas através de apoios dos fundos europeus, nomeadamente do programa Proderam, mas a verdade é que somos o maior concelho em área territorial: temos 116 quilómetros quadrados, somos oito freguesias, temos muita área agrícola; portanto precisamos dessas acessibilidades para potenciar o investimento na agricultura para que se dinamize a economia local e, por consequência, para atrair mais investimento.



CARLOS SOARES LOPES
Diretor executivo
da Startup Madeira

1. Na Startup Madeira contactamos diariamente com empreendedores, investidores, universitários, consultores, criativos, investigadores e nómadas digitais. Todos têm idades e perfis diferentes, mas todos procuram na Madeira oportunidades, qualidade de vida, segurança e estabilidade. É evidente que para um investidor estas quatro palavras têm uma perspetiva de risco associada e estamos sempre a concorrer com outros destinos e ofertas. A ligação à Universidade da Madeira e a recursos humanos qualificados, os benefícios fiscais do Centro Internacional de Negócios da Madeira e consultores especializados em negócios internacionais, uma internet estável, um fuso horário que permite trabalhar remotamente com os mercados europeu e americano, temperatura agradável ao longo do ano, uma população habituada a contactar com turistas e visitantes, infraestruturas adequadas à dimensão e ligações aéreas com diversas capitais europeias permitem adicionar valor a toda a nossa oferta. Realço que investidores internacionais procuram locais estáveis para estarem em família, com acesso à natureza e serviços de qualidade, onde possam estabelecer relações com a comunidade local e também dão valor à segurança, saúde e bem-estar. Nestes aspetos a nossa região tem conseguido destacar-se e poderá beneficiar de novas realidades e dinâmicas emergentes nas empresas e no trabalho a nível mundial.

2. Uma aposta na educação dos nossos jovens permitirá ter uma população mais capaz de trabalhar remotamente em áreas da programação, design, marketing digital, vendas online e outros serviços digitais. Acredito que uma população mais preparada para os grandes desafios da quarta revolução industrial será fundamental para atrair mais investimentos. Não podemos esquecer que na Madeira e o Porto Santo encontramos diversos obstáculos. A sua posição ultraperiférica, uma população a envelhecer e uma economia que depende do sucesso do turismo são fatores que não podemos ignorar. Mas é sabendo das nossas fragilidades e juntando todas as nossas virtudes e forças que os sectores público e privado poderão em conjunto oferecer melhores condições para quem nos procura. A Startup Madeira acredita que juntar na mesma comunidade pessoas e entidades com perfis diferentes, mas que tenham em comum vontade de inovar, permitirá contribuir também para atração de investimentos futuros.



ANTÓNIO DE ALMEIDA
Coordenador Centro de Estudos
de Economia Aplicada do Atlântico

1. Acredito que a ilha tem potencialidade para testar produtos e modelos, dada a dimensão da região. A minha ideia básica é que, tendo em conta a dimensão territorial e dimensão de mercado potencial e tendo em conta sectores mais competitivos, como é o sector do turismo, talvez já exista uma certa capacidade instalada. Aquilo que vou observando relativamente aos territórios insulares é que há todo um conjunto de oportunidades nos sectores emergentes, mas estas oportunidades não são de concretização imediata; são oportunidades de crescimento a médio e longo prazo, de concretização para daqui a cinco anos, mas que implicam agora algumas medidas que tem de se tomar para iniciar a atração desses investimentos. Daqui a 15 ou 20 anos haverá sectores que terão muito peso, muita capacidade para criar emprego para atrair mais investimentos que, por agora, ainda são relativamente marginais. Com a pandemia podem até ter surgido oportunidades, mas é preciso uma análise técnica detalhada. Na Madeira existem também oportunidades em nichos de mercado e soluções tecnológicas que valorizam os recursos locais e as oportunidades de financiamento em termos comunitários.

2. Há muita expectativa quanto aos recursos relacionados com a economia do mar. Hoje em dia ainda não são expressivos quantitativamente, mas os futuros investimentos serão concretizáveis daqui a cinco ou dez anos se hoje em dia forem feitos investimentos públicos nesse sentido, na área da formação, área da criação de laboratórios e de testes de produtos. Creio que há muitas alternativas e muitas hipóteses que se vislumbram. Quanto à demografia, a proporção de idosos na população vai atingir valores muito elevados. Isso vai implicar despesa social e também vai implicar falta de ativos. Por outro lado, oferece algumas oportunidades no sentido em que vão ter de se arranjar soluções. O território tem uma série de vantagens por enquanto e pode ser extremamente aliciante para pessoas de idade que querem desfrutar da reforma. Para atrair investimento vão ser precisos exercícios de benchmarking que facilitem a identificação do possível e exequível, tendo em conta contextos similares (RUP, SIDS e áreas de fronteira marítima) e não a simples transposição de soluções viáveis num contexto continental. Também é preciso que exista a maximização do acesso aos apoios financeiros.